

Formato: 14 × 21 (13,6 × 21)

Mancha: 8,9 × 16 + 1

Fonte: Palatino LT Std

Corpo: 10/15

304 págs.

GABARITO PARA MONTAGEM:

dentro: 27 mm / fora: 20 mm

FUGA DA BIBLIOTECA DO SR. LEMONCELLO

CHRIS GRABENSTEIN

OP: B1161 — INDESIGN CS 5

2ª PROVA — PAGINADA

JULIANA

22/03/2016

GABARITO PARA MONTAGEM:

dentro: 27 mm / fora: 20 mm

*Para a fnada Jeanette P. Myers
e todos os demais bibliotecários que nos ajudam
a encontrar o que quer que procuremos*

1

Foi assim que Kyle Keeley ficou de castigo por uma semana.

Primeiro pegou um atalho pelo arbusto de rosas preferido de sua mãe.

Sim, os espinhos machucaram, mas, tendo atropelado os ramos espinhosos e esmagado algumas petúnias, obteve uma vantagem de cinco segundos de seu irmão mais velho, Mike.

Tanto Kyle quanto Mike sabiam exatamente onde encontrar o que precisavam para ganhar o jogo: dentro de casa!

Kyle já encontrara a pinha para completar sua rodada “ao ar livre”. E tinha certeza de que Mike havia pegado a “flor amarela”. Bem, era junho. Dentes-de-leão estavam por toda parte.

— Desista, Kyle! — gritou Mike enquanto ambos corriam pela entrada da garagem. — Você não tem a menor chance.

Mike ultrapassou Kyle, zunindo em direção à porta de entrada e tomando de volta a liderança temporária do irmão.

É claro que fez isso.

Mike Keeley, de dezessete anos, era um atleta completo, uma estrela do ensino médio. Futebol americano, basquete, beisebol. Se tinha uma bola na história, ele se saía bem.

Kyle, que tinha doze, não era estrela de nada.

Seu outro irmão, Curtis, com quinze, ainda estava preso no jardim do vizinho, lidando com o cachorro. Curtis era o mais inteligente dos Keeley. Mas, para a *sua* rodada “ao ar livre”, havia retirado a sempre infeliz carta “O Brinquedo do Cachorro do Seu Vizinho”. Qualquer carta referente a cães era basicamente o mesmo que “Perca Sua Vez”.

Quanto ao motivo dos três irmãos Keeley estarem correndo feito malucos pela vizinhança em uma tarde de domingo, pegando todo o tipo de coisas estranhas, bem, isso era culpa de sua mãe.

Fora ela quem sugerira “Meninos, se vocês estiverem entediados, joguem um jogo de tabuleiro!”.

Então Kyle fora até o porão e encontrara um de seus preferidos: Caça ao Tesouro Interna-Externa do sr. Lemoncello. Era um grande sucesso do sr. Lemoncello, o mestre criador de jogos. Kyle e seus irmãos o jogavam tanto quando crianças que a sra. Keeley escreveu para a empresa encarregada pedindo um pacote novo com outras pistas. As novas cartas listavam todo tipo de coisas

bizarras que você precisaria encontrar, como “roupas de baixo largas de um adulto”, “um prato sujo” e “uma casca de banana podre”.

(No final do jogo, os perdedores deveriam colocar tudo de volta nos lugares exatos onde os itens foram encontrados. Era uma regra oficial, impressa dentro da tampa da caixa, e tornava a vitória muito mais importante!)

Enquanto Curtis estava preso na casa ao lado, tentando convencer o dobermann do vizinho, Twinky, a entregar seu brinquedo favorito, Kyle e Mike estavam em busca dos mesmos dois itens, porque, na rodada final, todos os jogadores recebiam a mesma Charada.

A charada daquele dia, mesmo sendo uma carta que Kyle nunca vira antes, tinha sido extremamente fácil.

ENCONTRE DUAS MOEDAS DE 1982 QUE SOMEM TRINTA CENTAVOS, E UMA DELAS NÃO PODE SER DE CINCO.

Dã. A resposta era uma de vinte e cinco centavos e outra de cinco, pois a charada dizia que apenas *uma* delas não poderia ser de cinco.

Então, para ganhar, Kyle teria que encontrar uma moeda de vinte e cinco centavos de 1982 e uma de cinco centavos do mesmo ano.

Fácil também.

Seu pai mantinha um jarro de cidra de maçã cheia de trocados em sua oficina, que ficava no porão.

Era por isso que Kyle e Mike corriam para chegar lá primeiro.

Mike disparou pela porta da frente.

Kyle sorriu.

Ele amava jogar contra seus irmãos mais velhos. Como o caçula, era a única chance que tinha de ganhar deles de maneira justa e honesta. Jogos de tabuleiro nivelavam os jogadores. Você precisava jogar bem os dados, ter sorte ao tirar as cartas e ser um pouco inteligente, mas, se as coisas fossem ao seu favor e você se dedicasse, qualquer um poderia ganhar.

Especialmente hoje, já que Mike havia arruinado sua liderança ao escolher a rota tradicional para o porão. Passaria pela porta da frente, cortaria para os fundos da casa, desceria os degraus aos saltos e só então correria para a oficina do pai.

Kyle, no entanto, pegaria um atalho.

Pulou por cima de alguns arbustos meio quadrados e abriu com um chute a janelinha de acesso ao porão, que ficava rente ao chão. Ouviu algo estalar quando seu tênis atingiu a vidraça, mas não poderia se preocupar com aquilo. Tinha que ganhar do irmão mais velho.

Ele rastejou pela abertura estreita, jogou-se no chão e foi sem jeito até a bancada, onde encontrou o jarro, derrubou as moedas e começou a procurar em um mar de um, cinco, dez e vinte e cinco centavos.

Ponto!

Rapidamente, Kyle encontrou uma moeda de cinco de 1982. Colocou-a dentro do bolso da camisa e espalhou pelo chão outras de um, cinco e dez centavos enquanto se concentrava nas de vinte e cinco. 2010. 2003. 1986.

— Vamos, vamos — resmungou.

A porta da oficina se abriu com força.

— Mas que...? — surpreendeu-se Mike ao ver que Kyle chegara primeiro ao pote de moedas.

Mike se ajoelhou e começou a procurar por suas moedas na mesma hora em que Kyle gritou “Achei!”, pegando uma de vinte e cinco centavos de 1982 da pilha.

— E a de cinco? — exigiu Mike.

Kyle a puxou de dentro do bolso da camisa.

— Você entrou pela janela? — perguntou uma voz que vinha de fora.

Era Curtis. Ajoelhado no canteiro de flores.

— Sim — respondeu Kyle.

— Eu ia fazer isso. A menor distância entre dois pontos é uma linha reta.

— Não acredito que você ganhou! — choramingou Mike, que não estava acostumado a perder *no que quer que fosse*.

— Bem — disse Kyle, ficando de pé e se gabando um pouco —, acredite, irmão. Porque vocês dois, *perdedores*, terão que devolver toda essa porcaria.

— Eu *não* vou levar isso de volta para o Twinky! — protestou Curtis. Ele segurava uma corda pegajosa de baba e cheia de nós.

— Ah, vai sim — disse Kyle. — Porque você *perdeu*. Aham, claro, você *pensou* em usar a janela...

— Hmm, Kyle? — murmurou Curtis. — Talvez prefira ficar quieto...

— O quê? Ah, pare, Curtis. Não seja um perdedor chorão. Só porque fui eu quem pegou o atalho, chutou o vidro para abrir a janela e...

— Você fez isso, Kyle?

Um novo rosto apareceu na janela.

Era o pai dos meninos.

— He, he, he — riu Mike atrás de Kyle.

— Você quebrou a vidraça? — O pai parecia irritado. —

Bem, adivinhe quem vai pagar por uma nova.

Foi por isso que Kyle Keeley teve cinquenta centavos descontados de sua mesada pelo resto do ano.

E ficou de castigo por uma semana.

2

Do outro lado da cidade, a dra. Yanina Zinchenko, bibliotecária famosa em todo o mundo, caminhava rapidamente pelo edifício cavernoso que estava apenas a alguns dias de sua grande inauguração de gala.

A nova biblioteca pública de Alexandriaville estivera em construção por cinco anos. Todo o trabalho fora feito sob extremo sigilo e máxima segurança possível. Uma equipe fez a renovação da fachada do que já fora a construção mais magnífica da pequena cidade de Ohio: o Gold Leaf Bank. Outras equipes — carpinteiros, pedreiros, eletricitas e encanadores — trabalharam no seu interior.

Nenhuma equipe de construção permaneceu no trabalho por mais de seis semanas.

Nenhuma equipe sabia de nada que as demais equipes haviam feito (ou viriam a fazer).

E quando todas essas equipes terminaram, outras, supersecretas (trabalhadores muito bem-pagos que negariam terem se aproximado da biblioteca, de Alexandriaville

ou do estado de Ohio), furtivamente deram os retoques finais.

A dra. Zinchenko supervisionara o projeto de construção para o seu chefe — um bilionário bastante excêntrico (alguns diriam louco). Somente ela conhecia todas as maravilhas que a nova e incrível biblioteca ofereceria (e esconderia) dentro de suas paredes.

A dra. Zinchenko era uma mulher alta, com cabelos de um vermelho flamejante. Vestia um terno caro feito sob medida, extravagantes sapatos de salto alto, um fone de ouvido sem fio e óculos de aros grossos e vermelhos.

Com os saltos tilintando no chão de mármore, os dedos tocando o vidro de seu tablet supermoderno, a dra. Zinchenko passou pela porta vermelha do centro de controle, por baixo de um arco e entrou na sala de leitura esférica e assustadoramente grande localizada sob a rotunda de altura equivalente a um prédio de três andares.

O edifício bancário, que forneceu o esqueleto para a nova biblioteca, fora construído em 1931. Com altas colunas em estilo coríntio, uma entrada em arco, vários adornos chiques e uma cúpula colossal de ouro brilhante, a construção parecia pertencer à vizinhança dos memoriais triunfantes em Washington, D.C., não às ruas charmosamente antiquadas desta pequena cidade de Ohio.

A dra. Zinchenko parou e olhou para o alto a fim de observar o efeito visual mais deslumbrante da biblioteca: a Cúpula das Maravilhas. Dez telas de vídeo triangulares de alta definição — tão brilhantes quanto as da Times Square — forravam o interior da cúpula como se fossem várias fatias de laranja. Cada uma podia operar independentemente ou como parte de um todo espetacular. A Cúpula das

Maravilhas podia se transformar nas constelações do céu noturno; em um voo pelas nuvens que faria os espectadores abaixo sentirem como se o edifício, de alguma forma, tivesse se erguido do chão; ou, no modo de classificação decimal Dewey, em dez seções exibindo imagens vibrantes, mudando constantemente, associadas a cada categoria no sistema de catalogação da biblioteca.

— Tenho os números finais para o quarto setor da Cúpula das Maravilhas em modo Dewey — disse a dra. Zinchenko para o seu fone sem fio. — 364 ponto 1092. — Ela pronunciou de modo enfático cada palavra; queria ter certeza de que o profissional de vídeo saberia quais números específicos deveriam passar, ocasionalmente, pelo quarto trecho em meio à montagem rodopiante de ciências sociais, a qual exibiria um martelo de juiz flutuante, uma maçã de professor em queda livre e uma suave nevasca de símbolos de datas comemorativas. — Os números, no entanto, não devem aparecer até as onze da manhã de domingo. Está claro?

— Sim, dra. Zinchenko — respondeu a voz metálica em seu ouvido.

Em seguida, estudou as estátuas holográficas projetadas no interior de reentrâncias forradas com renda negra e gravadas nos enormes píeres de pedra; estes sustentavam as janelas arqueadas das quais emergia a Cúpula das Maravilhas.

— Por que Shakespeare e Dickens ainda estão aqui? Eles não constam na lista da noite de abertura.

— Perdão — respondeu o diretor de imagens holográficas da biblioteca, que também estava na chamada em conferência. — Consertarei isso.

— Obrigada.

Saindo da rotunda, a bibliotecária entrou na Sala das Crianças.

Estava escura, com apenas alguns refletores ligados, mas a dra. Zinchenko memorizara o layout das mesas em miniatura e conseguia caminhar, sem topar as canelas, em direção ao Canto de Histórias para uma verificação final em seus gansos recentemente instalados.

O bando de seis gansinhos audioanimatrônicos — robôs emplumados com olhos que pareciam bolas de pingue-pongue (feitos para a biblioteca por criadores que costumavam trabalhar na Disney World) — estavam empoleirados em cima de uma estante angulosa ao canto. A Mamãe Ganso, com seu gorro e óculos de vovó, se encontrava imóvel no centro.

— Aqui é a bibliotecária Um — disse a dra. Zinchenko, alto o suficiente para que os microfones ocultos no teto captassem sua voz. — Iniciar a sequência da hora da história.

Os gansos saltaram com vida mecânica.

— Cantiga de roda.

Os gansos grasnaram “Ciranda Ciradinha” em uma harmonia de seis vozes.

— *A Ilha do Tesouro?*

As aves cantarolaram uma canção de piratas.

A dra. Zinchenko bateu palmas. Os gansos serelepes pararam de cantar e de se mexer.

— Mais uma — disse ela. Semicerrando os olhos para enxergar melhor, viu um livro sobre uma mesa próxima.

— *Walter, o Cão que Peida.*

Os seis gansos giraram e peidaram, com as penas dos rabos erguendo-se em sincronia com os puns barulhentos.

— Excelente. Fim da hora da história.

Os gansos se encolheram de volta ao modo desligado. A dra. Zinchenko ticou mais uma vez em seu tablet. Sua lista de últimos retoques ficava cada vez menor, o que era algo muito bom. A grande abertura da biblioteca estava marcada para a noite de sexta-feira. A dra. Z e seu exército de sócios tinham apenas alguns dias para corrigir qualquer imperfeição no complexo sistema operacional da biblioteca.

De repente, a dra. Zinchenko ouviu um rugido baixo e grave.

Ao virar-se, deu de cara com os gélidos olhos azuis de um tigre branco extremamente raro.

Ela suspirou e tocou seu fone sem fio.

— Sra. G? Aqui é dra. Z. O que o nosso tigre-de-bengala branco está fazendo no departamento infantil?... Entendi. Aparentemente houve um pequeno mal-entendido. Não o queremos permanentemente posicionado perto d’*O Livro da Selva*. Consulte o número de chamada. 599 ponto 757... Certo. Ele deveria estar na seção de Zoologia... Sim, por favor. Agora mesmo. Obrigada, sra. G.

E, como uma miragem, o tigre desapareceu.

3

É claro que, mesmo de castigo, Kyle Keeley ainda tinha que ir à escola.

— Mike, Curtis, Kyle, hora de acordar! — gritou a mãe da cozinha, no andar de baixo.

Kyle pôs os pés no chão, esfregou os olhos e olhou sonolento para o seu quarto.

O computador, herdado de seu irmão Curtis, estava sobre a mesa, que costumava ser de seu outro irmão, Mike. O tapete no chão, com o logo dos Cincinnati Reds, também fora de Mike quando *ele* tinha doze anos. Os livros alinhados em sua estante já haviam passado pelas de Mike e Curtis, com exceção daqueles que Kyle ganhava todo Natal de sua avó. Ele ainda não lera o do ano anterior.

Kyle não era fã de livros.

A não ser que fossem um manual de instruções ou um guia de jogo de videogame. Ele tinha um PlayStation na sala da família. Não era o PS3 de Blu-ray e alta definição. Era o que Papai Noel trouxera para Mike há uns quatro

anos. (Ele mantinha o modelo novo em folha trancado no quarto.)

Mas, ainda assim, velho daquele jeito, o console de quatro anos que ficava na sala funcionava.

Com exceção desta semana.

Bem, *funcionava*, mas o pai de Kyle havia tirado seus privilégios de TV e computador, então, a não ser que quisesse apenas ouvir o zunido do disco rígido, não havia motivo para ligar o PlayStation até o domingo seguinte, quando sua sentença chegaria ao fim.

— Se você fica de castigo nesta casa — dissera seu pai —, você fica *de castigo*.

Se Kyle precisasse de um computador para o dever de casa durante sua última semana na escola, poderia usar o de sua mãe, que ficava na cozinha.

Ela não tinha nenhum jogo em seu computador.

OK, tinha Diner Dash, um simulador de restaurante, mas esse não contava.

Ficar de castigo na família Keeley significava não poder fazer nada a não ser, como seu pai dizia, “pensar sobre o motivo pelo qual você ficou de castigo”.

Kyle sabia o que tinha feito: quebrara uma janela.

Mas, ei... também venci meus irmãos mais velhos!

— Bom dia, Kyle — disse sua mãe quando ele entrou na cozinha. Ela estava sentada na mesa de computador, bebendo café e digitando. — Pegue um biscoito para o café da manhã.

Curtis e Mike já estavam na cozinha, devorando os últimos biscoitos gostosos — os de cobertura de cupcake.

Deixaram para Kyle o de açúcar mascavo e canela, sem cobertura. Esses tinham o gosto da caixa em que vinham.

— A nova biblioteca abre na sexta-feira, bem a tempo das férias de verão — murmurou a mãe de Kyle, lendo a tela de seu computador. — Faz doze anos desde que destruíram a antiga. Ouçam isso, meninos: a dra. Yanina Zinchenko, nova chefe da biblioteca pública, promete que “os leitores ficarão surpresos” com o que encontrarão lá dentro.

— É mesmo? — perguntou Kyle, que sempre gostava de uma boa surpresa. — Fico imaginando o que eles têm lá.

— Hmm, livros, talvez? — disse Mike. — É uma *biblioteca*, Kyle.

— Ainda assim — falou Curtis. — Mal posso esperar para ter meu cartão da nova biblioteca!

— Porque você é um nerd — disse Mike.

— Geek, por favor — retrucou Curtis.

— Bem, tenho que ir — disse Kyle, pegando sua mochila. — Não quero perder o ônibus.

Ele saiu correndo porta a fora. O que Kyle realmente não queria perder eram seus amigos. Vários deles tinham PSPs e Nintendos 3DS.

E muitos e muitos jogos!

Kyle andou pelo corredor do ônibus cumprimentando seus colegas punho com punho até o seu assento de costume. Quase todo mundo queria dizer oi para ele, com exceção, é claro, de Sierra Russell.

Como sempre, Sierra, que também era aluna da sétima série, estava sentada nos fundos do ônibus com seu nariz enfiado em um livro, provavelmente um daqueles

sobre garotas que viviam em casinhas campestres ou algo do tipo.

Desde que seus pais se divorciaram e seu pai se mudara da cidade, Sierra Russell se tornara incrivelmente quieta e passava todo o seu tempo livre lendo.

— Camisa maneira — disse Akimi Hughes quando Kyle se sentou ao seu lado.

— Valeu. Era do Mike.

— Não importa. Ainda é maneira.

A mãe de Akimi era asiática; seu pai, irlandês. Ela tinha os cabelos muito compridos e pretos como nanquim, olhos extremamente azuis e uma tonelada de sardas.

— O que está jogando? — perguntou Kyle, porque Akimi estava apertando freneticamente os botões de seu PSP.

— Squirrel Squad — respondeu ela.

— Um dos melhores do sr. Lemoncello — disse ele, que tinha o mesmo jogo em seu PlayStation.

Aquele que não poderia usar por uma semana.

— Precisa de ajuda?

— Nem.

— Cuidado com as colmeias...

— Eu sei das colmeias, Kyle.

— Só estou dizendo...

— Uhul!

— Que foi?

— Passei do nível seis! Até que enfim!

— Irado.

Kyle não mencionou que ele próprio estava no nível vinte e sete. Akimi era sua melhor amiga. Amigos não se gabam uns para os outros.

— Quando atirei os esquilos nos falcões — disse ela —, os pilotos abriram os paraquedas. Se um esquilo mordeu a bunda do piloto, ganhei um bônus de cinquenta pontos.

Sim, no jogo de catapultar bichos do sr. Lemoncello havia todo tipo de piada maluca. Os falcões não eram aves; eram jatos Falcon Fighter F-16. E os esquilos? Eles eram loucos. Totalmente birutas. Seus olhos rodopiavam como redemoinhos. Voavam pelo ar balbuciando de forma ininteligível. Mordiam bundas.

Essa era uma das razões principais pelas quais Kyle considerava incrivelmente legal tudo que vinha da Fábrica de Imaginação do sr. Lemoncello: jogos de tabuleiro, quebra-cabeças, videogames. Para o sr. Lemoncello, um jogo não era um jogo se não tivesse alguns toques divertidamente bobos.

— Então, você pegou o código de bônus? — perguntou Kyle.

— Quê?

— Na imagem congelada ali.

Akimi analisou a tela.

— Vire.

Ela obedeceu.

— Está vendo aquele número no canto? Digite da próxima vez em que a tela principal pedir a sua senha.

— Por quê? O que acontece?

— Você vai ver.

Akimi deu um soco de leve em seu braço.

— O quê?

— Bem, não se surpreenda caso você comece a lançar esquilos *em chamas* no nível sete.

— Cê. Tá. Brincando!

— Tente. Você vai ver.

— Vou tentar. Hoje à tarde. Então, escreveu a sua redação para ganhar ponto extra?

— O quê? Qual redação?

— Hmm, a que é para hoje? Sobre a nova biblioteca pública?

— Refresque minha memória.

Akimi suspirou.

— Porque a antiga biblioteca foi destruída doze anos atrás, os doze alunos de doze anos de idade que escreverem as melhores redações sobre “Por Que Estou Animado Com A Nova Biblioteca Pública” vão poder passar a noite na biblioteca nesta sexta-feira.

— Hein?

— Os ganhadores vão passar a noite na nova biblioteca antes que qualquer um possa visitar o lugar!

— Como em *Uma Noite no Museu*? Os livros vão ganhar vida, perseguir as pessoas e coisas do tipo?

— Não. Mas provavelmente vai ter filme de graça, comida, prêmios e *jogos*.

De repente, Kyle ficou interessado.

4

— Então, exatamente sobre que tipo de jogos estamos falando?

— Não sei — disse Akimi. — Algo divertido sobre livros, imagino.

— E acha que essa nova biblioteca vai ter computadores novos também?

— Com certeza.

— Wi-Fi?

— Provavelmente.

Kyle assentiu devagar.

— E tudo isso vai acontecer na noite desta sexta-feira?

— Sim.

— Akimi, acho que você acabou de descobrir um jeito de encurtar o meu castigo mais recente.

— Como assim?

— Meu castigo sem direito a jogos que meus pais me deram.

Kyle considerou que ficar trancado em uma biblioteca com computadores na noite de sexta-feira seria melhor do que em casa sem nada para jogar.

— Pode me emprestar uma caneta e uma folha de papel?

— O quê? Você vai fazer a sua redação agora? No ônibus?

— Antes tarde do que nunca.

— Devem ser entregues no primeiro tempo de aula, Kyle. Assim que chegarmos.

— Tudo bem. Serei breve.

Akimi balançou a cabeça e lhe entregou um caderno e uma caneta. O ônibus sacudiu ao passar por um quebra-molas na entrada da escola.

Ele precisaria fazer aquela redação ser muito, muito curta.

Esperava que os doze ganhadores fossem ser escolhidos aleatoriamente de um chapéu ou algo do tipo, e, como as pessoas da loteria sempre dizem em seus comerciais de TV, você só tivesse que “participar para ganhar”.

Enquanto isso, em outra parte da cidade, Charles Chilton estava sentado na biblioteca de seu pai, trabalhando com o aluno de faculdade que tinha sido contratado para ajudá-lo a melhorar sua redação para ponto extra.

Ele estava vestindo seu típico uniforme escolar: calças cáqui, blazer azul, camisa de botão e uma elegante gravata listrada. Era o único aluno da Alexandria Middle School que se vestia daquela forma.

— Diga um termo complicado para biblioteca — pediu Charles ao seu tutor. — Professores adoram termos complicados.

— Armazém de livros.

— Mais difícil, por favor.

— Hmm... “atheneum”.

— Perfeito! É uma palavra tão estranha que terão que procurá-la no dicionário.

Charles fez a alteração, salvou o arquivo e enviou o documento para a impressora.

— Seu pai com certeza lê bastante — disse seu tutor de Artes da Língua Inglesa, admirando os livros de lombada de couro alinhados nas paredes da biblioteca da casa do sr. Chiltington.

— Conhecimento é poder — afirmou Charles. — É uma das filosofias fundamentais da nossa família.

Outra era: *Nós devoramos perdedores no café da manhã.*

Kyle e Akimi desceram do ônibus e caminharam em direção à escola.

— Sabe — comentou Akimi —, meu pai me disse que as pessoas da biblioteca tinham tipo um zilhão de arquitetos diferentes fazendo desenhos e plantas que não podiam mostrar uns aos outros.

— Como assim?

— Para manter tudo supersecreto. Meu pai e sua empresa fizeram a porta da frente e só isso.

No segundo em que entraram na sala da sra. Cameron, na hora da chamada, Miguel Fernandez gritou:

— Ei, Kyle! Saca só isso, cara. — Ele segurava uma pasta de plástico transparente de talvez seis centímetros de espessura. — Mandei superbem na minha redação!

— O lance da biblioteca?

— É! Coloquei figuras e gráficos, mais uma parte inteira sobre a Antiga Biblioteca de Alexandria, no Egito, já que estamos em *Alexandriaville*, Ohio!

— Maneiro — respondeu Kyle.

Miguel Fernandez era superentusiasmado com tudo. Também era presidente da Sociedade dos Assistentes de Biblioteca.

— Ei, Kyle... sabe o que dizem sobre bibliotecas?

— Hmm, na verdade, não.

— Que elas têm algo para cada capítulo da sua vida!

Enquanto Kyle grunhia, o segundo sinal soava.

— Certo, pessoal — disse a sra. Dana Cameron, a professora de Kyle. — Hora de entregar as suas redações para ponto extra. — Ela começou a caminhar entre as fileiras de carteiras. — A banca avaliadora irá se encontrar essa manhã na sala dos professores para fazer os cortes preliminares.

Droga, pensou Kyle. Haveria uma *banca*. Não seria um sorteio de bolinhas como na loteria.

— Sr. Keeley? — A professora parou na mesa dele. — Você fez a redação?

— Sim. Algo do tipo.

— Perdão. Não entendi. Ou você escreveu a redação ou não escreveu.

Kyle, sem entusiasmo, entregou à professora sua folha de papel rapidamente escrita.

E, infelizmente, a sra. Cameron a leu. Em voz alta.

— Balões. Talvez haja balões.

A turma explodiu em uma risada.

Então a sra. Cameron baixou os óculos até a ponta do nariz e olhou para os alunos, o que fazia para aterrorizar a todos e impor silêncio.

— Esta é a sua redação, Kyle?

— Sim, senhora. Deveríamos escrever sobre o motivo de estarmos animados com a grande inauguração e, bem, balões são sempre a minha parte preferida.

— Entendo — disse a professora. — Sabe, Kyle, seu irmão Curtis escrevia redações excelentes quando era meu aluno.

— Sim, sra. Cameron — murmurou Kyle.

Ela suspirou de modo satisfeito.

— Por favor, envie a ele minhas estimas.

— Sim, senhora.

A professora passou para outra carteira. Miguel entregou com avidez seu livreto grosso.

— Muito bem, Miguel.

— Obrigado, sra. Cameron!

Kyle ouviu um barulho estranho vindo do estacionamento. Um som de golpe, de batida, um tinido.

— Ah, meu Deus — disse a professora. — Será que é *ele*? Ela correu para a janela e abriu as persianas. Todas as crianças da turma a seguiram.

E, então, eles viram.

Lá fora, no estacionamento. Um carro que parecia uma bota vermelha gigante com rodas. Tinha uma faixa preta e dentada duma sola de bota como para-choque. Cadarços grossos se cruzavam do para-brisa até o topo do cano da bota, de três metros de altura.

— Parece a bota vermelha daquele jogo — disse Miguel.
— Loucura em Família.

Kyle assentiu. Loucura em Família era o primeiro jogo do sr. Lemoncello e provavelmente o mais famoso. A bota vermelha era um dos dez peões que você poderia escolher para mover no tabuleiro.

Um homem alto e desengonçado saiu do carro-bota.

— É o sr. Lemoncello! — arquejou Kyle, com o coração acelerado. — O que *ele* está fazendo aqui?

— Acabou de ser anunciado — respondeu, animada, a sra. Cameron. — Esta tarde, o sr. Luigi Lemoncello em pessoa será o avaliador final.

— De quê?

— Das suas redações.

Este livro foi composto na tipologia Palatino
LT Std, em corpo 10/15, e impresso em
papel 70 g/m² no Sistema Cameron da
Divisão Gráfica da Distribuidora Record.
